Desenvolvimento e Formação dos Alunos em percurso de Alta Competição

Jesus Maria Sousa
Universidade da Madeira
angi@uma.pt

(1999). *Painel Desportivo, 3* (10). 6-10.

Introdução

Relação Escola/Alta Competição: no fundo é este o tema a tratar. Antes de mais nada, gostaria de dizer que a iniciativa louvável de alargar a abrangência deste debate, convidando um elemento das Ciências da Educação para, do ponto de vista da Escola, abordar a sua relação com a Alta Competição, obriga-me, enquanto esse elemento, pressupostamente especialista numa área mas não na outra, questionar exactamente sobre as minhas implicações pessoais no Desporto e na Alta Competição, isto é, na área onde não me sinto especializada. Qual a minha relação pessoal com a Alta Competição? Por que me interessa este assunto, de forma a aceitar estar aqui presente? Quais as minhas motivações? É que as respostas a estas questões estarão porventura subjacentes ao próprio tratamento do tema.

Daí que me interesse, num exercício de auto-maiêutica implicacional, comunicar-vos que a minha ligação afectiva ao Desporto e à Alta Competição se estabelece porque, quando saio de mim, me vejo:

1. Como ex-praticante de uma modalidade desportiva , o badminton, em Moçambique, quando era estudante. Se bem que não fosse no âmbito da alta competição, já se participava em torneios internacionais com os países vizinhos, o que me dava um enorme gozo, pela possibilidade do exercício da autonomia, pela abertura de horizontes em termos de conhecimento de outras línguas e culturas, e principalmente pelo convívio em equipa.

2. Casada com um dirigente desportivo que dá muitas das suas horas em prol do desporto, mas que, convém também dizer, uma vez que pode afectar a forma como abordarei o tema, um dirigente cada vez mais desiludido com o dirigismo desportivo dos nossos dias.

3. Como espectadora assídua, em estádio, do desporto que move as multidões; como espectadora que se deixa arrastar, num misto de consciência e inconsciência, pelo prazer das emoções, quando grita, canta, invectiva…, evita apenas adjectivar os árbitros; quando

consciencializa a figura que está a fazer, olha em redor, e constata que todos fazem o mesmo.

Esclarecida a minha implicação pessoal no tema, convido-vos a partilhar do percurso mental e metodológico que passou por três tipos de abordagens:

-ao nível das intenções declaradas algures, na legislação, nos discursos dos responsáveis políticos;

-ao nível da realidade, do que se passa no terreno;

-ao nível dos contributos teóricos da investigação em áreas afins.

1. O discurso político

Em termos de projecto, o Estado reconhece a importância da Alta Competição como resposta à evidência de talentos e vocações de mérito desportivo excepcional. Tendo em conta o elevado nível de exigência de preparação dos respectivos praticantes, determina que ela seja objecto de medidas de apoio específicas no âmbito da escolaridade, do emprego, das obrigações militares, entre outras.

No que diz respeito ao tema que aqui me traz, a política desportiva, quer a nível nacional, quer a nível regional, acautela a criação de determinadas condições facilitadoras, por parte da Escola, de um regime de treino intensivo, nomeadamente referentes a:

1. Matrículas e Inscrições

O atleta pode se inscrever em estabelecimento de ensino fora da sua área de residência;

2. Horário Escolar e Regime de Frequência

O estabelecimento, seja de que grau de ensino fôr, deve facultar ao atleta o horário escolar e o regime de frequência que melhor se adaptem à respectiva preparação desportiva, podendo este frequentar turmas diferentes e obter aproveitamento escolar por disciplinas;

3. Faltas

São relevadas as faltas dadas pelo atleta durante o período de preparação e participação em competições desportivas;

4. Avaliação

O atleta pode solicitar a alteração das datas das provas de avaliação desde que colidam com a sua actividade desportiva, sendo mesmo fixada uma época especial de exames;

5. Transferências de Estabelecimento de Ensino

Desde que o exercício da actividade desportiva o justifique, o atleta tem o direito de usufruir do direito de transferência, sendo este aspecto particularmente importante ao nível do ensino superior dado serem extremamente reduzidas as vagas para este tipo de concurso;

6. Professor Acompanhante

O órgão de gestão do respectivo estabelecimento de ensino deverá designar um docente para acompanhar a evolução do aproveitamento escolar do atleta, a fim de detectar eventuais dificuldades e propôr medidas para a sua resolução;

7. Aulas de Compensação

O atleta pode beneficiar de aulas de compensação principalmente das correspondentes às faltas dadas;

8. Acesso ao Ensino Superior

O atleta não é abrangido pelo regime geral de acesso que impõe, como todos sabemos, os famosos *numeri clausi*, mas sim pelo regime especial de acesso, o que lhe dá maiores probabilidades de aceder ao curso desejado, uma vez que a sua entrada não depende das vagas existentes.

Se procedermos a uma análise mais detalhada da própria legislação, verificamos que existe todo um discurso a exaltar as qualidades da Alta Competição, quando diz concretamente que

"como paradigma da excelência da prática desportiva, ela fomenta a sua generalização…", ou quando diz que *"o desenvolvimento da sociedade não pode ignorar a actividade desportiva que é cada vez mais um factor cultural indispensável na formação da pessoa humana"*, ou que *"os praticantes que a ela acedem constituem, pelo seu exemplo de entrega ao treino e alcance de resultados de nível nacional e internacional um referencial para a população em geral e juventude em particular, contribuindo para que o desporto seja progressivamente entendido como elemento da formação integral dos cidadãos"*. Também a portaria regional retoma a mesma ideia num contexto necessariamente regional quando diz que *"o alcance de títulos mundiais e europeus são já uma realidade indesmentível e portadora de mensagens positivas para a população madeirense em geral e para a juventude em particular."*

Vemos igualmente que em termos de discurso político idealizado *"o estudo e o desporto complementam-se e potencializam-se reciprocamente na formação do indivíduo"*, surgindo mesmo a medida de concessão de bolsas académicas para a frequência, *"no País ou no estrangeiro, de estabelecimentos de ensino superior que desenvolvam modelos de compatibilização entre o plano de estudos e um regime de preparação desportiva adequado"*.

2. A realidade madeirense

Passemos à operacionalização da ideia. O que se passa na realidade? Como é que a Escola encara a Alta Competição? A Escola actualiza o discurso político? Faz o acompanhamento individual previsto? Estabelece contacto com o treinador? Ou reage contra? Se reage contra, fá-lo por desconhecimento da lei ou, assumidamente, por considerá-la perturbadora e lesiva de um plano de formação integral que pressupõe ser da sua responsabilidade?

Pegando no reverso da medalha, como é que a Alta Competição encara a Escola? Como parceira no desenvolvimento integral do indivíduo, ou como elemento desviante dum plano de preparação desportiva altamente especializada em determinadas destrezas psico-motoras? Qual a relação que estabelece com a Escola, nomeadamente com o professor de Educação Física?

Serão as respostas a estas questões que nos darão, em parte, a noção da viabilidade da compatibilização entre o Desporto de Alta Competição e a formação académica.

Centremo-nos neste magnífico laboratório experimental que pode constituir a Região Autónoma da Madeira. Do cruzamento dos dados provenientes da recolha realizada pelos alunos-estagiários junto das associações e clubes e dos dados acerca das últimas cinco épocas, gentilmente cedidos pelo IDRAM, na pessoa do Dr. Deodato Rodrigues, vemos que, no que diz respeito às modalidades desportivas individuais em regime de Alta Competição (quer tenham Estatuto quer estejam em percurso), 77% se encontra na situação dupla de atleta-estudante. Isto é, este problema da relação entre a Escola e a Alta Competição coloca-se a 40 dos 52 atletas da Alta Competição que a Região apoia.

Em termos de implicações no percurso escolar, levantam-se questões como as seguintes: Como tem sido o percurso académico destes alunos? Qual tem sido o seu rendimento escolar? São alunos de sucesso? Que dificuldades têm vindo a enfrentar? Tem havido desistências? Tem havido desistências da Escola em favor da Alta Competição? Ou desistências da Alta Competição em favor da Escola? Qual o comportamento destes alunos? Como tem decorrido a integração escolar? Quais os níveis de socialização relativamente aos colegas da escola? Etc., etc.

A vela é a modalidade com mais elementos a resolver este problema de compatibilização (10), logo seguida do badminton (8), ténis de mesa (7), atletismo (5), golf (3), ginástica e esgrima (2), judo, natação e tiro desportivo (1). Destes atletas, 12 encontram-se no ensino superior, na Universidade de Aveiro, Lisboa, Madeira, Porto, Técnica, Instituto Superior de Gestão, etc. Temos conhecimento de que já neste ano lectivo, duas das atletas do ténis de mesa tiveram de desistir da Alta Competição em favor do curso.

Afunilando ainda mais a área de observação, tivemos também a curiosidade de conhecer o universo dos alunos da Universidade da Madeira, que beneficiaram do Estatuto de Alta Competição para aí entrarem, isto é, abarcando igualmente as modalidades colectivas. Com base no programa informático já em curso, e com a

colaboração imprescindível tanto dos Serviços Informáticos como dos Serviços Académicos da UMa, que desde já aproveito para agradecer, sabemos que dos 13 alunos que se encontram neste regime, 9 são do curso de Educação Física e Desporto. Destes 9, 2 provinham dos cursos de Matemática e de Educadores de Infância, tendo beneficiado do regime de Alta Competição para fazerem mudança de curso. Dos restantes, um aluno está no curso de Engenharia de Sistemas e Computadores, outro em Gestão e dois em Educadores de Infância.

Analisando as respectivas fichas curriculares, deparamo-nos com situações que vão desde um extremo de não realização de cadeira alguma durante dois anos lectivos consecutivos (não sabemos ainda o que se está a passar neste ano lectivo), passando pela situação de alguém que, após alguns anos de realização de algumas disciplinas, opta por não se inscrever durante um ano, para depois retomar o seu percurso académico, até à situação de realização de todas as disciplinas, com classificação mediana, ou mesmo classificação considerada de boa ou muito boa.

Como vemos, contamos aqui com uma área extremamente rica para investigação, merecedora de uma maior aproximação com a realidade a estudar. Fica o desafio lançado para quem quiser pegar nesta área a desbravar. Como também outra seria a de conhecermos, por exemplo, os níveis de escolaridade dos grandes campeões…

3. À luz da teoria

Do ponto de vista teórico, qual a fundamentação científica para a disparidade de situações que acabei de mencionar?

Com base no contributo não só das ciências psicológicas de pendor cognitivista e construtivista, como duma sociologia qualitativa, de raiz etnográfica, ou mesmo duma filosofia de linha fenomenológica, fui construindo a minha própria teoria da Pessoa. A investigação que tenho realizado nos últimos tempos, nesta área, ensinou-me pelo menos uma coisa: o nosso objecto de estudo, na área das ciências sociais e humanas (quer seja o professor, o futuro professor, o aluno, o atleta de alta competição…) é extremamente rico para ser estudado numa perspectiva de determinismo universal, que diz que face às mesmas condições, terão de necessariamente surgir os mesmos resultados. Este tipo de discurso absoluto e simplista, da decomposição do todo em partes, da transparência, da descontextualização do objecto (talvez possível numa retorta de vidro) dificilmente se torna compatível com a análise do comportamento do ser humano; é que o nosso objecto é Sujeito, caracterizado pela singularidade, pela vivência, pela probabilidade, pela incerteza, por todas aquelas zonas obscuras, ainda em estado pré-científico, como sejam, as crenças, as opiniões, as emoções, as contradições… Complexidade, parece-me ser a palavra-chave que abarca o nosso objecto de estudo.

Ora, neste paradigma da complexidade, da globalização e da relativização, a pessoa é um todo, um todo organizado e o seu comportamento só pode ser encarado

como fenómeno global e integrado. Isto significa que os processos de ordem cognitiva, de construção do saber, não podem estar desligados dos processos de ordem afectiva e motivacional. Da mesma forma, os processos de desenvolvimento global (psico-socio-afectivo) não podem estar desligados das condutas, das "performances". O funcionamento global da pessoa implica uma multiplicidade de actividades, de processos integrados, não justapostos. Assim, percepção, sensação, atenção, concentração, memória, imaginação, resolução de problemas, afectividade, motivação,... não constituem etapas distintas e isoladas do mesmo fenómeno comportamental.

Em termos teóricos, este tipo de presunção implica o reconhecimento de que os vários sub-sistemas do indivíduo se encontram em interacção constante e se afectam mutuamente. Quanto mais elevada fôr a estrutura cognitiva da pessoa, mais capaz será ela de recorrer a estratégias para responder às necessidades específicas e se adaptar a situações inesperadas… Quanto mais elevado fôr o seu ego, quanto maior fôr a sua auto-estima, mais capaz será de inovar… Em termos de investigação, no terreno, já tive a oportunidade de, com base neste modelo conceptual integrador, verificar a correlação existente, por exemplo, entre "realização pessoal" e "realização académica" de alguns alunos universitários, futuros professores. Fomos até mais longe! Procurámos, nessa investigação-acção que envolveu toda uma equipa de professores que leccionava numa determinada turma, elevar o rendimento académico dos alunos, aumentando-lhes os níveis de auto-conceito e conceito dos outros.

Passando este discurso para os alunos em Alta Competição, penso que alguns traços de personalidade ou características psicológicas que eles tiveram necessariamente de trabalhar, de forjar para aqui chegar, como sejam, a competitividade, a auto-confiança, a atenção, a concentração, a disciplina, a persistência, a resistência à frustração, a ansiedade q.b., as expectativas de auto-eficácia, a motivação, etc., não são exclusivas dum modelo de sucesso desportivo. São pré-requisitos para o sucesso académico, também.

Perguntar-me-ão, então, por que motivo uns conseguem obter excelentes resultados na Escola, outros apenas medianos, havendo muitos que desistem? Entra aqui a singularidade da pessoa humana, atrás mencionada. Para nós, leigos, simples e mortais espectadores, este naipe de desportistas constitui a elite que admiramos e muitas vez idolatramos. Corremos a pedir-lhes autógrafos, assediamo-los com entrevistas, encegueiramo-los com os holofotes da fama… É assim que os vemos. E como se vêem eles a si próprios? Quais os seus níveis de aspiração, quais as suas expectativas? E é neste particular que entra em jogo a relativização, característica do paradigma da complexidade. Tudo é relativo: apesar de serem "muito bons", eles estão em confronto com os "muito bons" também, podendo uns valorizar mais a frustração duma derrota ou derrotas sucessivas, enquanto outros se centram psicologicamente no facto de se encontrarem nesse alto patamar.

É por isso que a análise deste sujeito global tem de o ultrapassar para se situar num campo ainda mais global que é o da relação entre o sujeito e a situação, entre a personalidade e o mundo, ou seja, entre a "personalidade do atleta" e a

"situação-Escola" ou entre a "personalidade do aluno" e o "mundo da Alta Competição". Porque se o indivíduo é um sujeito em situação, a situação existe construída pelo sujeito. É nesta relação que os fins, os planos e os projectos de acção de cada um, enquanto formas concretas de motivação humana, ganham uma outra dimensão.

Neste quadro teórico, a motivação é a componente cognitivo-dinâmica que dirige a acção em relação a fins concretos, mas sempre concebidos pelo sujeito. Assim sendo, os resultados alcançados são medidos em relação aos resultados por si projectados, daí que um mesmo objectivo possa ser experienciado como sucesso ou insucesso, de acordo com os fins cognitivamente elaborados pelo sujeito. Daí que a não realização de cadeiras possa não ser experienciada como insucesso pelo atleta em causa, porque não não fazia parte dos seus objectivos.

Em jeito de conclusão

Qual, então, a relação entre Escola e Alta Competição? Vimos que, nem sempre ao discurso político altamente encorajador corresponde, no terreno, uma realidade harmoniosa entre Escola e Alta Competição. É que o comportamento do Aluno-Atleta na sua relação com o mundo, é sempre dinâmico e direccional, selectivo e preferencial, vai depender da configuração significativa que ele, sujeito, atribui à Escola e à Competição; é ele, soberano do seu destino, quem, em última análise, irá delinear o seu plano de vida, projectando-se no futuro.

Bibliografia

ABREU, M. V. (1975). *Aprendizagem e motivação*. Lisboa: Instituto de Tecnologia Educativa.

ALCÂNTARA, J. A. (1991). *Como educar a auto-estima*. São Paulo: E.P.U./E.D.U.S.P.

BALES, R. F. (1970). *Personality and interpersonal behaviour*. New York: Holt, Rinehart and Winston.

BARDIN, L. (1977). *L'analyse de contenu*. Paris: P.U.F.

CARNEIRO, R., e outros. *O Desporto no século XXI. Os novos desafios.* Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.

COULON, A. (1993). *Ethnométhodologie et éducation*. Paris: P.U.F.

CRUZ, J. F. (1996). *Stress, Ansiedade e Rendimento na Competição Desportiva*. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia. Instituto de Educação e Psicologia. Universidade do Minho.

CRUZ, J. F., COSTA, F., RODRIGUES, R., e RIBEIRO, F. (1988). Motivação para a competição e prática desportiva. In *Revista Portuguesa de Educação*. 113-124.

DEL BAYLE, J.-L. L. (1991). *Introduction aux méthodes des sciences sociales*. Toulouse: Privat.

GROSSER, M., BRUGGEMANN, P., e ZINTL, F. (1989). *Alto rendimiento deportivo. Planificación y desarrollo*. Barcelona: Ediciones Martínez Roca.

HUSSERL, E. (1993). *La phénoménologie et les fondements des sciences*. Paris: P.U.F.

LEWIN, K. (1935). *A dynamic theory of personality.* New York: McGraw-Hill.

MORIN, E. (1990). *Science avec conscience*. Paris: Fayard.

NUTTIN, J. R. (1985). *Théorie de la motivation humaine: du besoin au projet d'action*. Paris: P.U.F.